

CIBERESPAÇO E MULTILETRAMENTOS: O GÊNERO MEME COMO PROPOSTA SOCIAL DE FORMAÇÃO LEITORA PARA DESCONSTRUÇÃO DE ESTERÉOTIPOS*

Quésia Alves de Souza Sanches Domingues¹

Lucila Pesce²

RESUMO

O crescente avanço tecnológico estabeleceu o ciberespaço como um ambiente fértil para o livre trânsito de informações e experiências marcadas por intersecções culturais. Nas redes sociais, a produção/recepção e compartilhamento de práticas comunicativas, materializadas pelos gêneros de natureza multimodal, ressignificam as finalidades da leitura e os modos de ser leitor. Posto isso, o objetivo dessa investigação é o de refletir sobre o potencial do gênero meme como vetor de uma proposta educativa de formação leitora problematizadora, nas aulas de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Fundamental. Acredita-se que essa performance pedagógica, orientada à ampliação do processo de desconstrução de estereótipos opressivos, que visam à imobilização das minorias, é latente para fortalecer um movimento de transformação social. O quadro teórico de referência baseou-se nas premissas da pedagogia dos multiletramentos, na teoria do desenvolvimento do pensamento reflexivo, e na abordagem da conceituação e da função social do gênero supracitado. No tocante à metodologia, optou-se pela pesquisa bibliográfica, com o intuito de firmar o contato direto com as produções do domínio científico que refletissem o tema e propósitos da pesquisa. Os resultados acenaram as potencialidades do que-fazer pedagógico pautado na utilização do gênero meme como recurso didático de prática leitora.

Palavras-chave: Ciberespaço; Multiletramentos; Formação leitora crítica; Meme.

INTRODUÇÃO

O contexto das aceleradas transformações sociais e culturais, proporcionadas pela pelos dispositivos tecnológicos, desencadeou novas práticas sociais de linguagem/leitura, principalmente por meio das redes sociais, tornando indiscutível a importância de

¹ Mestranda em Educação no PPGE da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, qdomingues@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutora em educação pela PUC-SP, com pós-doutorado em Filosofia e História da Educação pela UNICAMP. Professora associada do Departamento de Educação e credenciada no PPGE da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, lucila.pesce@unifesp.br;

*Este artigo é resultado uma pesquisa maior em andamento: “ Ciberespaço e multiletramentos: pesquisa exploratória sobre o meme como proposta social de formação leitora para desconstrução de estereótipos”, que objetiva coletar e analisar o conteúdo de memes para validar, ou não, as hipóteses apresentadas na investigação.

oferecer lugar na escola, às potencialidades da experiência leitora online, diante das novas configurações textuais que transitam nesses ambientes de comunicação.

Nesse sentido, para dimensionar o impacto que a escolarização formal tem produzido sobre as práticas do ler na atualidade, é preciso voltar-se aos dados oficiais da última edição do PISA 2018, que contou com uma revisão e ampliação da matriz de letramento em Leitura, com o objetivo de “abranger as habilidades que são essenciais para leitura e interação com textos digitais” (2018, p. 42).

Os resultados da avaliação, apontaram que 50% dos estudantes brasileiros não apresentaram o nível básico de proficiência leitora esperado ao final do Ensino Médio. Tal realidade, corrobora a percepção de que a formação ofertada ao leitor/navegador na era da cibercultura, não tem atendido às necessidades envolvidas nesse processo, tão caro à constituição do indivíduo/cidadão crítico e protagonista.

Nesse contexto, compreende-se como demanda da escola, não só a abordagem crítica das novas práticas de linguagem para fazer o uso produtivo e ético das TDIC, mas similarmente, para responder às exigências sociais que abrangem essas práxis, como “saber reconhecer os discursos de ódio, refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e ataque à direitos, aprender a debater ideias considerando posições e argumentos contrários [...]” (BNCC, 2017, p. 69).

Salienta-se, assim, que educação linguística contemporânea, envolve experiências de aprendizagem que iluminem as práticas de produção/ressignificação dos sentidos textuais, de forma a contribuir com os processos comunicativos estabelecidos pela cultura digital, e oferecer aos cidadãos/sociedade, a liberdade de acesso ao conhecimento, o que envolve

refletir sobre as transformações ocorridas nos campos de atividades em função do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, do uso do hipertexto e da hipermídia e do surgimento da Web 2.0: novos gêneros do discurso e novas práticas de linguagem próprias da cultura digital, transmutação ou reelaboração dos gêneros em função das transformações pelas quais passam o texto (de formatação e em função da convergência de mídias e do funcionamento hipertextual), novas formas de interação e de compartilhamento de textos/ conteúdos/informações, reconfiguração do papel de leitor, que passa a ser também produtor, dentre outros, como forma de ampliar as possibilidades de participação na cultura digital e contemplar os novos e os multiletramentos (*ibid.*, p. 72).

Dentre as diversas possibilidades de abordagem pedagógica, no tocante ao trabalho com os gêneros que circulam no ciberespaço, e no cotidiano estudantil, acredita-se que as aulas de Língua Portuguesa têm potencial para servirem como espaços de diálogo, para diligenciar as aprendizagens libertadoras, mediante o questionamento, e a reflexão sobre os discursos atravessados por preconceitos (ALVES; OLIVEIRA; MARTINS, 2020).

A presente investigação foi amparada pela pesquisa bibliográfica, uma vez que lançou mão do levantamento de referências teóricas já produzidas e publicadas. As discussões propostas pela investigação, incidiram sobre a potência do ciberespaço, como um lugar de aprendizagem, cujas dinâmicas comunicativas são constituídas por construções textuais de natureza multimodal, necessitando a adoção de um fazer pedagógico afeito aos multiletramentos, que utilize o meme como recurso pedagógico de produção leitora crítica.

Os resultados indicaram que uma proposta didática de prática leitora voltada à inteligibilidade, com vistas à reflexão sobre os significados dos discursos que validam comportamentos e valores sociais conservadores e intolerantes, pretendendo inquiri-los, pode configurar um caminho para afiançar a participação crítica e ética nas dinâmicas comunicativas em rede, e edificar as transformações sociais e políticas, necessárias para resistir à alienação, e às artimanhas de dominação.

METODOLOGIA

Esta pesquisa assentou-se sobre a tipologia bibliográfica, uma vez que (GIL, 2002; PESCE e BARSOTTINI, 2012) foi edificada sob a égide de dados científicos já engendrados, com a finalidade de localizar, consultar e compilar diferentes fontes de informação, que assegurassem à pesquisadora o contato direto com referências direcionadas ao objeto, e propósitos de investigação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ciberespaço e cidadania

As novas possibilidades de interação no ciberespaço, provocaram alterações nos modos de ser, participar, e compreender o mundo, impactando as relações sociais,

políticas e culturais, e por consequência, as formas de aprender na contemporaneidade. Esse território virtual, pode potencializar os processos de aprendizagem contemporâneos, pois se estabelecem como

novos modelos do espaço dos conhecimentos [...] emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva. (LÉVY, 2000, p. 158).

Os estudos de Bonilla (2010, p. 44) defendem ser a escola o universo onde os processos de formação da cultura digital devem apresentar-se aos alunos, pois nela estabelece-se “a inserção dos jovens na cultura de seu tempo – e o tempo contemporâneo está marcado pelos processos digitais. Assim, entende-se que a discussão das práticas socialmente aceitas e valorizadas, deve tomar lugar no espaço escolar, assim como o acesso crítico e produtivo ao ciberespaço.

A pluralidade de configurações textuais, nesse contexto, marca as formas como a comunicação e socialização digital desenrolam-se, atravessadas por diferentes vozes de modo que as “culturas, etnias, gêneros, idades e escolaridades possam se encontrar” (MASSUNAGA, 2013 apud ADATI; FERREIRA; CRISTÓVÃO, 2017, p.104). Nesse movimento, a expressividade das redes sociais como territórios de movimentação das práticas comunicativas instantâneas, que repercutem e agenciam a adesão dos enunciatários de forma acelerada, certifica a urgência de propostas educativas, dirigidas ao objetivo social da formação leitora crítica.

Cassany (2006 apud SANTOS, 2019, p. 23), respalda tais asserções, ao asseverar que a garantia do direito democrático do cidadão, está intimamente vinculada ao desenvolvimento das habilidades leitoras que favoreçam a compreensão, e a reflexão sobre os significados produzidos pelas ações comunicativas erguidas no coletivo, sublinhadas pela intencionalidade e ideologia.

Haja vista não ser a educação uma área da atividade humana que pode permanecer estática, apenas em contemplação das mudanças sociais (SANTAELLA, 2013), compreende-se a necessidade de que o sistema educativo abra uma alternativa de protagonismo juvenil, para a otimização e tonificação das aprendizagens que abarcam as práticas languageiras, concernentes às interações com a realidade virtual.

Tal desafio, não é relativamente recente, pois já em 1996 moveu os teóricos do Grupo de Nova Londres – pesquisadores da área de letramentos – a produzirem um manifesto, propondo a pedagogia dos multiletramentos (A Pedagogy of Multiliteracies), a fim de instituir como competência da escola, os novos letramentos em desenvolvimento no ciberespaço. Essa concepção baseia-se no prefixo “multi” para designar a multiplicidade de linguagens envolvida na elaboração de sentido dos discursos, e a diversidade cultural que carregam consigo os leitores/receptores desses enunciados (ROJO, 2013).

Sob essa ótica, infere-se que os novos tempos e espaços que marcam o agir comunicativo nas redes de relacionamento online, refletem os novos modos de construir saberes e aprendizagens, interativos, colaborativos e descentralizados, tornando necessário o rompimento do paradigma do ensino protocolar, e lançando o olhar para as práticas sociais de leitura que compreendam os multiletramentos.

Multiletramentos e a prática da leitura como um objetivo social

Novos e múltiplos letramentos são indispensáveis para que o cidadão/estudante inserido na sociedade da comunicação e informação sobreviva, acompanhe as constantes mudanças, e desfrute das vantagens que as práticas letradas, consideradas por ele significativas, podem assegurar para sua vida social. Nesse sentido, a leitura, a interpretação, e o posicionamento frente aos sentidos dos textos que agregam diferentes sistemas semióticos, assumem ampla expressividade no mundo moderno, no qual “o letramento torna-se um vetor para a constituição de um sujeito livre, capaz de contribuir para as mudanças sociais” (KLEIMAN, 2014, p.89).

Perfazer o caminho dirigido à compreensão dos sentidos textuais, a partir das linguagens plurais, utilizadas nas ações discursivas provenientes da esfera digital, implica o desenvolvimento da percepção das pistas deixadas pelo enunciador, e pelo contexto. A interação com as atuais práticas comunicativas, realizadas a partir dos aparelhos móveis, porém, oferta uma multiplicidade de estímulos, que gera a “economia de atenção” (SANTAELLA, 2013, p. 279), comprometendo detalhes relevantes dos discursos, portanto prejudicando a atividade reflexiva.

Os processos de livre troca de informações instantâneas, instituíram a necessidade de exercer a atividade crítica, sob uma nova perspectiva, já que, nesse contexto, é preciso

desenvolver a competência para participar de um debate de ideias construtivo e ético, averiguar a confiabilidade das informações, e reconhecer as intenções de manipulação, ocultas sob o manto dos discursos escorados no fenômeno da pós-verdade, e do efeito bolha (BNCC, 2017).

Um que-fazer pedagógico voltado à conscientização dos sujeitos sobre a necessidade de questionar a realidade, em busca dos modos alterá-la, necessita escorar-se no desenvolvimento do pensamento reflexivo, e no diálogo com as demandas da vida real (DEWEY, 1959). Desse modo, a abordagem da cultura discente como um meio para alcançar a experiência de aprendizagem significativa, torna-se um caminho para a construção dos saberes necessários para compreender o contexto em que estão inseridos, ativando o exercício reflexivo, potente para a condução do agir social autônomo e competente.

Street (2014), ao conceituar os modelos autônomo e ideológico de letramento, chama a atenção para o fato de que as práticas letradas ofertadas pela escola, tornam-se medidas de padronização para os letramentos individuais ou comunitários, que ficam marginalizados. A autora (2014) aponta a problemática da relevância excessiva que é dada aos conhecimentos essencialmente técnicos e estruturais dos textos, descolando-os da natureza prática, social, e da problematização dos discursos e relações de poder que os atravessam.

Freire (1996, p. 13), ao acentuar o compromisso voltado ao ensino do que chamou de “pensar certo”, também sublinhou sua natureza reflexiva, destacando que os objetivos da aprendizagem não devem limitar-se ao conteúdo, mas precisam “reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Desta maneira, apenas uma práxis dialógica, amparada na problematização da realidade, pode criar condições para interpretá-la, pode estabelecer a educação como instrumento para a transformação social.

Tal conhecimento, ao ser replicado em outros contextos de suas vidas, favorece a autonomia dos grupos sociais, concebida pelo conceito de empoderamento freiriano, que “não põe luzes à dimensão individual, mas sim à social, por concebê-lo no seio da transformação cultural dos grupos sociais” (PESCE e BRUNO, 2016, p. 355), e fazendo surgir novos processos de organização e mobilização social.

Concebe-se, portanto, que uma educação linguística ajustada às exigências atuais, precisa considerar as ações comunicativas plurais, que ganham cada vez mais espaço nas interações extra-escolares de um alunado multicultural, situado sócio-historicamente no

contexto de globalização, para romper o paradigma do ensino considerado ideal, ressignificar as “cristalizações letradas” (ROJO, 2013, p. 16), e concretizar os direitos de atuação cidadã.

O meme como prática multiletrada de formação leitora

O termo meme foi cunhado pelo biólogo Richard Dawkins (1976) para fundamentar sua investigação que associava a teoria evolucionária à transformação social. Essa proposta sustenta-se na relação análoga entre o gene e o meme, já que o primeiro se manifesta pela replicação da herança biológica, portadora de informações ao longo das gerações, e o segundo pela multiplicação da unidade de transmissão cultural, que reflete as percepções da sociedade, a partir de uma cópia ou imitação. (CHAGAS, 2021; SHIFMAN, 2013).

Participar proficuamente das dinâmicas de comunicação dialógica nas redes – zona de debate social – implica um leitor atuante no processo de interlocução, negociando e construindo sentidos e relações entre as linguagens das novas configurações textuais e as representações sociais que assumem.

Construído a partir de multimodalidades e multissemióticização, o meme é um fenômeno das expressões coletivas e criativas da opinião pública (CHAGAS, 2017 et al.), que compõe o rol dos letramentos contemporâneos discentes (ALVES et al., 2020). Sua utilização no ambiente formal de ensino como um instrumento educacional, sob essa ótica, apresenta possibilidades de fomentar o empoderamento dos sujeitos sociais “para procederem a uma leitura crítica das suas circunstâncias e, na medida do possível, transformarem suas realidades em outras situações” (FERREIRA e PESCE, 2019, p. 137).

À vista disso, faz-se primordial colocar em tela os fenômenos da narratividade digital, que atravessam e são atravessados pelo atual momento sócio-histórico, sublinhado pela polarização política, no contexto do governo de Jair Bolsonaro, para compreender a representatividade dos memes como ações discursivas, que trabalham a favor do abafamento das vozes minoritárias, marginalizando-as pela força da imposição (POPOLIN, 2019).

Na arena das relações sociais online, ecoam, cada vez mais, manifestações extremistas e autoritárias, que enquadram os subgrupos sociais pelo viés da retórica

moralista. A propositura da educação como um ato político, requer o despertar da consciência dos sujeitos para contraporem-se aos interesses da classe dominante, que insistem na tessitura e propagação dos discursos achatados e simplificados, que ferem a igualdade de direitos e liberdades.

Segundo Popolin (2019, p. 13) neste momento, “o Brasil é conhecido por ser uma potência global na produção de memes”. A investigação mais ampla sobre como se dá a produção de sentidos/efeitos desse novo gênero midiático, característico das práticas de letramento emergentes no cenário tecnológico em constante progressão e deflagrado pelo usuário/cidadão comum e conectado, é fundamental, pois

estudar e pesquisar quais memes são criados e como circulam, em um futuro próximo nos ajudará a entender melhor sobre que bases está erguida a sociedade contemporânea, que produtos culturais consome, que opiniões são repercutidas ou silenciadas (CHAGAS, 2018, p.182).

A despeito de serem utilizados nas redes sociais como ferramentas de entretenimento, contestação contra manipulação de fatos e informações, ou mesmo para trazerem voz às manifestações que buscam ferir estereótipos, são comuns também aqueles que os naturalizam, objetivando delinear e fortalecer identidades e senso de pertencimento potenciais para sobreporem-se às minorias (CHAGAS, 2021).

Os estudos de Chagas (2021), que foram focados na análise de conteúdo de uma amostra dos memes replicados ao longo da corrida para eleições presidenciais, em 2014, assim como os de Popolin (2019), que elucidaram os sentidos evocados pelo conteúdo de memes que defenderam intervenção militar no Brasil, revelaram como a cultura digital, e as possibilidades que oferece podem atuar para a constituição de uma sociedade opressora, sob o discurso da recuperação da ordem, da segurança e dos princípios morais do brasileiros.

A leitura não é um ato solitário, mas de diálogo entre autor e leitor, cada qual em seu espaço estruturado socialmente, estabelecido por suas relações com o mundo e com os outros (SOARES, 2001). Compreender o contexto de produção do enunciado, estabelecer o seu público-alvo e explorar as estratégias cognitivas, interacionais e textuais necessárias à recuperação de sentidos é essencial, mas tomar enunciados situados sócio-historicamente e carregados de marcas culturais (BAKHTIN, 2003) para problematizar

essas significações pela perspectiva da reflexão e conscientização, é propósito que não deve ser marginalizado.

Sob essa ótica, está posto um desafio para a escola de entrar em sintonia com as práticas linguísticas que impactam a cultura estudantil fora dos muros da escola, voltadas ao universo dos jovens,

cuja empatia com as linguagens audiovisuais e digitais é feita de uma forte cumplicidade expressiva, já que é em suas sonoridades, fragmentações e velocidades onde eles encontram seu ritmo e seu idioma (PEREIRA apud MARTIN-BARBERO, 2014, p. 134).

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Diante do imperativo tecnológico, mediador das relações sociais que fluem nos territórios virtuais, discutiu-se a necessidade do trabalho com práticas de formação leitora fundamentadas no compromisso social da escola, por meio de propostas pedagógicas que estejam embasadas nos conhecimentos necessários aos sujeitos para que sejam protagonistas nas interações que se dão no ciberespaço, fazendo cumprir o direito que lhes deve ser outorgado para o exercício pleno da cidadania.

À luz da análise bibliográfica, evidenciou-se o potencial do trabalho com as estruturas textuais de natureza multimodal e multisemiótica, para construir significações não circunscritas à interpretação elementar, e à simples decodificação de elementos linguísticos para auferir o conteúdo da mensagem. Nesse sentido, a investigação acenou as potencialidades do meme como instrumento didático da prática leitora, voltada ao fortalecimento do pensamento crítico e reflexivo, alicerçada em um gênero familiar para os estudantes.

Intersecções possíveis entre a construção do pensamento reflexivo, em Dewey (1979), e Freire (1996), e os ideais da pedagogia dos multiletramentos, foram apresentadas como tangíveis, em função da atenção ofertada à valorização das vivências discentes, a gerência do próprio aprendizado, o olhar voltado à análise crítica das práticas sociais dos sujeitos, assim como à discussão sobre questões sociais, políticas, ideológicas e culturais, que envolvem esse processo dirigido à democratização da aprendizagem, e à participação social no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacou-se que os significados do ler partem da necessidade de edificar a criticidade para não fazer perdurar a ingenuidade diante das implicações preconceituosas dos significados textuais socialmente apreendidos, a fim de compreender que atrás de cada evento comunicativo há um sujeito, uma prática histórica, um universo de valores, uma intenção.

Outrossim, entendemos que a presente investigação trouxe luz à urgência da discussão sobre a maneira com que os sentidos são inqueridos e a quem interessam os discursos que circulam nas redes de relacionamento on-line, visando à politização do alunado para a participação crítica e ética nesse espaço de aprendizagem e compartilhamento comunicativo, em direção a consubstanciar uma força de ação coletiva capaz de fazer valer a liberdade defendida pela democracia.

Cumprе sinalizar que esta pesquisa não tencionou esgotar os propósitos da investigação, ao contrário, evidenciou a necessidade de mais aprofundamento sobre a análise da configuração textual-discursiva do meme, estruturada pelas multimodalidades e multisemioses, para entender de que forma são construídas suas significações textuais não circunscritas à interpretação elementar dos seus conteúdos.

REFERÊNCIAS

ADATI, Felipe S.; FERREIRA, Felipe T.; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia L. O uso de gêneros da esfera digital em contextos de vulnerabilidade social: duas propostas de sequência didática. In: KADRI, Michelle S.; ORTENZI, Denise I. G.; RAMOS, Samantha G. M. (orgs.). **Tecnologias digitais no ensino de línguas e na formação de professores: reorganizando sistemas educacionais**. Campinas: Pontes, 2017.

ALVES, Caroline; OLIVEIRA, Hélvio Frank de; MARTINS, Stephany Pikhardt. Leitura e análise crítica de memes em aulas de língua portuguesa sob mediação decolonial. In: **Lingu@Nostr@** - Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística. Vitória da Conquista, p. 160-180, jan-julho. 2020. Disponível em: <https://linguanostra.net/index.php/Linguanostra/article/view/163>>. Acesso em: 18 abr 2021.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BONILLA, Maria Helena. **Políticas públicas para inclusão digital nas escolas**. Motrivivência, ano XXII, n. 34, p. 40-60, jun. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/17135>>. Acesso em: 13 abr 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 2017**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/conhecaDisciplina?disciplina=AC_LIN&tipoEnsino=TE_EF>. Acesso em: 24 maio 2021.

CHAGAS, V. *et al.* A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. **Intexto**, n. 38, p. 173–196, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/63892>>. Acesso em: 22 jun 2021.

_____, Viktor. Breve tipologia dos memes fotográficos. In: **Revista ZUM**, n. 14, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.6084/m9.figshare.6325856.v1>>. Acesso em: 22 jun 2021.

_____, Viktor. **Meu malvado favorito**: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. **Revista Estudos Históricos**, 34(72), 2021 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s2178-149420210109>>. Acesso em: 20 jun 2021.

DEWEY, J. **Experiência e Educação**. Textos fundantes de Educação. SP: Companhia Editora Nacional, 1976.

_____. **Como pensamos**. SP: Companhia Nacional. 4ª Ed. 1979.

FERREIRA, Mariana Lettieri; PESCE, Lucila. Memes na sala de aula de língua inglesa: vivências formativas em uma educação ciberativista. **Revista Teias. EDIÇÃO ESPECIAL: Educação ativista na cibercultura: experiências plurais**, 2019. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/42779>>. Acesso em: 30 abr 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 42.ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo leitura da palavra. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas? In: **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-57.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento na contemporaneidade** / Literacy in the Contemporary Scene. Bakhtiniana, São Paulo, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2000.

PEREIRA, Pedro Henrique de. Ensino e aprendizagem em espaços não formais: conscientização e participação política na web. In: **Grau Zero: Revista de Crítica Cultural**. Letramentos e (R)existências. Alagoínhas, v. 6, n. 2. 2018. ISSN 2318-7085 online. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/6099>>. Acesso em: 9 maio 2021.

PESCE, Lucila; ABREU, Claudia B. de M. **Princípios da metodologia de pesquisa científica**. Material didático elaborado para o curso de Especialização em Prevenção ao uso indevido de drogas. UNIFESP –UAB, mimeo, 2012.

_____; BRUNO, A. R. Educação e inclusão digital: consistências e fragilidades no empoderamento dos grupos sociais. **Educação**, v. 38, n. 3, p. 349-357, 25 fev. 2016.

POPOLIN, Guilherme. Intervenção militar já: os memes da internet e o imaginário da nova direita brasileira sobre a ditadura civil-militar. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belém – PA: 2019.

ROJO, R. **Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

_____, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____, Roxane (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICS**. São Paulo: Parábola, 2013.

_____, Roxane. Novos multiletramentos e protótipos de ensino: por um web-currículo. In: CORDEIRO, G. S.; BARROS, E. M. D.; GONÇALVES, A. V. (Orgs.). **Letramentos, objetos e instrumentos de ensino: gêneros textuais, sequências e gestos didáticos**. Campinas: Pontes, 2017.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristovão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SANTAELLA, Lucia. O leitor ubíquo. In: **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SHIFMAN, L. Memes in a digital world: reconciling with a conceptual troublemaker. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 18, p. 362-377, 2013.

SOARES, Magda Becker. As Condições Sociais da Leitura: uma reflexão em contraponto In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2001.

STREET, B.; STREET, J. A escolarização do letramento. In: **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola, 2014, p.121-144.